

*Tudo se ilumina  
para aquêlê que  
busca a luz.*

BEN-ROSH.



*... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)  
O F A C H Ò

DIRECT. É EDITOR A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim  
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA  
Rua da Fábrica, 80  
PORTO

# D. GHEDALIAH BEN-YAH'IA NEGRO

(MESTRE GUEDELHA)

RABI — FÍSICO — ASTRÓLOGO

POR A. C. DE BARROS BASTO  
(BEN-ROSH)

I

D. Ghedaliah Ben-Yah'ia Negro, conhecido nas crónicas portuguesas por Mestre Guedelha, nasceu em Lisboa entre 1392 a 1400, era filho de D. Salomão Ben-Yah'ia Negro, sobrinho de D. Judah Ben-Yah'ia Negro e neto de D. David Ben-Yah'ia Negro, que foi tesoureiro de El-Rei D. Fernando I de Portugal e depois Rabi-mor de Castela, o qual faleceu em Toledo em 1386.

Em 1391 o arcebispo de Eciija, Fernan Martinez, um padre fanático arrastado mais pela sua fé do que pela prudência, prégava contra os judeus e de tal maneira o fazia, que excitada pelas suas prédicas a população de Sevilha lançou-se sobre a judaria e pegou-lhe o fogo (6 de Junho); a metade da Comunidade pereceu; o resto aceitou o baptismo. Córdoba, Toledo, 70 cidades de Castela são o teatro de cenas semelhantes.

Em breve o furor dos massacres ganha o reino de Aragão; a maior parte das Comunidades de Valência e da Catalunha são aniquiladas; os seus membros que o ferro poupou procuram a salvação na fuga ou na abjuração. Em Palma, capital de Majorca 300 judeus foram mortos; os sobre-

viventes conseguiram alcançar as costas berberescas.

Por causa destes graves tumultos D. Salomão Ben-Yah'ia Negro e seu irmão D. Judah Ben-Yah'ia Negro fugiram de Castela com as suas famílias e vieram para Lisboa.

D. Salomão, o pai de Mestre Guedelha, foi um dos notáveis da Comunidade de Lisboa, muito estimado pela sua bondade, rectidão, respeitabilidade e inteligência, morreu de velhice e foi enterrado na capital portuguesa.

D. Judah Negro, irmão mais novo de D. Salomão e tio de Mestre Guedelha, nasceu em Toledo em meados do século XIV, foi empregado por muito tempo ao serviço da rainha D. Filipã de Lencastre, esposa de D. João I de Portugal e tinha também considerável influência junto do rei. Quando o fanático dominicano Frei Vicente Ferrer, que promovia tumultos em Espanha contra os judeus, pediu a D. João I autorização para vir a Portugal numa missão de propaganda anti-judaica, El-Rei, a instigações de D. Judah, mandou-lhe dizer que o seu requerimento seria deferido com a condição dele frade pôr na cabeça uma coroa

de ferro em braza. D. Judah, era um dos mais importantes poetas do seu tempo; escreveu em hebraico várias elegias deplorando a infeliz sorte dos seus irmãos de fé em Espanha. Das suas poesias são conhecidas as seguintes:

- 1 — Elegia começada pelas palavras *Yehudah Ve-Israel* em versos monorrimos.
- 2 — Elegia que começa pelas palavras El Asher Bará.
- 3 — Elegia sobre as perseguições de 1391 em Sevilha, Andaluzia, Castela, Provença e Aragão.
- 4 — Poemeto cujo primeiro verso é *Yehudah Lo Tinçá, Uberith lo Theh'sheh*.
- 5 — Poemeto que começa por *Shubi Yehidathi Leel H'ai Goali*.
- 6 — Poemeto que principia por *Omer Belibi Mar Lenaphshi*.
- 7 — Elegia para o dia 9 de Ab (aniversário da destruição do Templo de Jerusalém) que várias Comunidades de Sephardim ainda usam na liturgia desse dia.

Este Rabi D. Judah foi autor de um livro de orações penitenciais ao qual deu o nome de NYBY, de Neum Yehudah Ben Yah'ia (Palavras de Judah Ben Yah'ia) e de vários Piutim (canções litúrgicas).

D. Judah também poetisava em português, mas não são conhecidas nenhuma das suas produções; sobre este assunto Gomes Eanes de Azurara na sua Crónica d'El-Rei D. João I, referindo-se à organização da expedição contra Ceuta, diz ter ouvido muitos boatos, e narra o seguinte:

«Outros falavam outras muitas coisas tão desvairadas, que seriam longas de escrever, porque é determinada na Santa Escritura que onde verdade se esconde, ali se multiplicam muitas más palavras, e como quer que assim estes desvairados e outros muitos havia entre eles, não era porém algum que pudesse certamente nem assim apalpando falar na cidade de Ceuta, somente quanto achamos que um judeu servidor da rainha D. Filipa, que chamavam Judá Negro, que era grande trovador segundo as trovas daquele tempo, em uma trova que enviou a um escudeiro do Infante D. Pedro, que chamavam Martim Afonso d'Atougia, contando-lhes as novas da côrte, disse todas estas coisas que dissemos e outras muitas, entre as quais no

derradeiro pé da quarta trova disse que os mais sizudos entendiam que el-rei ia sobre a cidade de Ceuta, mas isto entendiam que ele não o soubera tanto por nenhum sinal certo que visse, quanto por juízo de *astro-lomia* de que ele era mui sábio e muito usava.»

II

D. Ghedaliah era inteligente e de bom coração, estudou medicina e astronomia nas quais se notabilizou. Antes dos seus trinta anos El-Rei D. João I nomeou-o ffsico da côrte.

Como astrólogo, um dos seus primeiros notáveis trabalhos foi o horoscopo do Infante D. Henrique, onde este Rabi lhe prognosticou um grande e notável futuro. Na sua Crónica da Guiné, Gomes Eanes d'Azurara, refere este horoscopo da forma seguinte:

«Porém vos quero aqui escrever como ainda por purgimento de natural influência, este honrado príncipe se inclinava a estas coisas. E isto é, porque o seu ascendente foi Aries, que é casa de Marte, e é exaltação do Sol, e seu senhor está em a XI casa, acompanhado do Sol. E portanto o dito Marte foi em Aquário, que é casa de Saturno, e em casa de Esperança, significou que este senhor se trabalhasse de conquistas altas e fortes, especialmente de buscar as coisas que eram cobertas aos outros homens, e secretos, segundo a qualidade de Saturno, em cuja casa ele é. E por ser acompanhado do Sol como disse, e o Sol ser em casa de Júpiter, significou todos seus tratos e conquistas serem lealmente feitas, e a prazer do seu rei e senhor.»

D. Ghedaliah, por nomeação régia de D. João I, foi o sucessor do Rabi D. Judah Kohen no alto cargo de Rabi-mor de Portugal.

III

A 14 de Agosto de 1433 faleceu D. João I subindo ao trono seu filho D. Duarte sendo o acto de aclamação determinado para o dia seguinte, tẽrça-feira, 19 de Ab de 5193 da Era Hebraica. Quando D. Duarte estava já preparado para a cerimónia D. Ghedaliah chegou-se a ele e pedindo-lhe que

se não fizesse aclamar antes do meio dia porque os astros apresentavam mau agouro.

Sobre este caso escutemos o que nos diz Rui de Pina, na sua Crónica de El-Rei D. Duarte:

«Ao outro dia depois do falecimento de El-Rei, que eram 15 dias de Agosto o Infante D. Duarte depois de haver com os Infantes seus irmãos conselho e deliberação sobre a maneira que ao diante havia de ter como príncipe mui católico e prudente falou ante manhã com seu confessor aquellas culpas de que sentiu sua consciência gravada, e tomou o Santo Sacramento, para com a limpeza da alma que devia, tomar o ceptro real que o já esperava; e estando-se para isso vestindo de ricos panos e reais, como para tal dignidade e ao auto seguinte convinha, chegou a ele Mestre Guedelha, judeu, seu físico e grande astrólogo, e lhe disse:

— «Parece-me senhor, que vos aparelhais para logo entrardes na real sucessão que vos por direito pertence, peço-vos por mercê, que este auto dilateis até passar o meio dia, e nisso prazendo a Deus fareis vosso proveito, e será bom de vosso reino, porque estas horas em que fazeis fundamento ser novamente obedecido mostram ser mui perigosas, e de mui triste constelação, cá Júpiter está retrógrado, e o Sol em decaimento com outros sinais que no Ceu parecem assaz infelizes.»

O Infante lhe respondeu:

«Bem sei, Mestre Guedelha, que do grande amor que me tendes vos nasceu esses cuidados de meu Estado e serviço, e eu não duvido que a astronomia seja boa, e uma das ciências, entre as outras permitidas e aprovadas, e que os corpos inferiores são sujeitos aos sobreceletes; porém o que principalmente creio, é ser Deus sobre todo, e com sua mão e ordenança são todas as coisas; e portanto este cargo que eu com sua graça espero tomar, seu é, e em seu nome, e com esperança de sua ajuda o tomo, a Ele só me encomendo, e à Bem-aventurada Virgem Maria Sua Madre Nossa Senhora, cujo dia hoje é, e com muita devoção e devida humildade peço a Deus que me ensine, favoreça e ajude a governar este seu povo, que me quer ora

encomendar, como sentir que seja mais seu serviço.»

E Mestre Guedelha tornou dizendo:

— «Senhor, a Ele praza que assim seja; como quer que não era grande inconveniente sobreserdes nisso um pouco para se tudo fazer pròsperamente, e como devia.»

E o Infante lhe respondeu:

«Não farei pois, não devo, ao menos por não parecer que mingua em mim a esperança de firmeza, que em Deus, e sua fé devo ter.»

E logo Mestre Guedelha afirmou que reinaria poucos anos, e esses seriam de grandes fadigas e trabalhos, como foram, segundo ao diante se dirá.»

Na *Crónica dos Bené-Yah'ia*, referente ao mesmo caso, está inscrito:

«E como disse assim foi porque poucos e maus foram os dias do seu reinado. Reinou somente cinco anos e vinte e sete dias; todo o seu tempo houve peste, epidemias e guerras com os árabes em África, onde capturaram seu irmão D. Fernando, o qual amarraram com correntes de ferro e morreu no cativoiro.»

#### IV

El-Rei D. Duarte faleceu em Tomar a 9 de Setembro de 1438, e foi aclamado herdeiro da coroa portuguesa seu filho D. Afonso V ainda de menor idade. No acto de aclamação dirigido pelo seu tio o Infante D. Pedro aparece D. Ghedaliah que desta vez também foi ouvido sobre o que prediziam os sinais astrológicos, e cuja presença foi considerada indispensável depois do Horoscopo sobre D. Duarte, que tivera tão triste realização.

Ouçamos Rui de Pina, na sua crónica d'El-Rei D. Afonso V, narrar o *alevanta-mento d'El-Rei*.

— «Era 5.<sup>a</sup>-feira logo seguinte, 10 dias do dito mês, o Infante D. Pedro, como príncipe a que das cerimónias reais e das outras coisas em que caber descrição e virtude nada se escondeu, fez fazer entre o Convento e os Paços do Castelo da dita vila um assentamento assim real e ricamente guarnecido, como para o auto cumpria — e à véspera do dia, o Infante com todos os fidalgos e nobre gente da côrte

foram aos paços de El-Rei, que eram dentro no Convento, vestidos por então os corpos dos panos mais ricos, mas as almas e caras de clara tristeza, que em todos não era fingida, mas verdadeira e justa, assi pela privação de El-Rei, que era muito virtuoso e para todos de grande humanidade e boa condição, como por lhes os corações revelarem as grandes divisões e muitos trabalhos, em que pela sucessão de tão novo Rei se haviam de ver como viram.

O príncipe D. Afonso posto em vestiduras reaes, e bem acompanhado de todos, salu fora ao assentamento, onde pelo Infante D. Pedro com grande reverência, e acatamento foi posto na cadeira real.

E enquanto um Mestre Guedelha, singular físico e astrólogo, por mandado do Infante regulava, segundo as influências e cursos dos planetas, a melhor hora e ponto em que se poderá dar aquela obediência: o Infante volveu a contença ao povo e com grã segurança e palavras mansas disse:

(fez o elogio do defunto e faz a apresentação do príncipe)

... que é o mui excelente príncipe D. Afonso seu filho nosso Senhor, que temos presente, havermo-lo reconhecer, servir e amar por nosso só natural e verdadeiro Rei e Senhor, como requiere nossa mui antiga e costumada lealdade, e o direito nos obriga. E, porém, vo-lo apresento aqui para o assi em todo o reconhecerdes, e vos encomendo da sua parte, que para assi fazerdes não hajais respeito à sua nova idade, mas às velhas obrigações em que para isso lhe

sois e sua Real Senhoria nos dá já uma mui certa esperança de acharmos nele honra, mercê, favor e justiça, como cada o merecer e lh'o requerer."

E em dizendo Mestre Guedelha, que era boa hora para fazer sua boa obediência, o Infante com os joelhos em terra tomou as mãos do príncipe e..."

Seguiram-se as cerimónias das aclamações.

Ignora-se a data do falecimento de D. Ghedaliah Ben-Yah'ia Negro sabendo-se que já não existia em 1453, conforme nos diz El-Rei D. Afonso V, num documento datado de Évora a 28 de Abril de 1453 com as seguintes palavras: "Mestre Guedelha, que foi nosso físico e arrabi-mor dos judeus de nossos reinos".

Porto — Primavera de 1946.

## BIBLIOGRAFIA

- Crónica dos Bené-Yah'ia* — Carmoly.  
*Jewish Encyclopédia* — Ibn-Yah'ia.  
*Os Judeus em Portugal* — Mendes dos Remédios.  
*Geschichte der Juden in Portugal* — Kayserling.  
*Histoire des Israelites* — T. Reinach.  
*História de Espanha* — M. Rodrigues Condolá.  
*Crónica da Guiné* — Gomes Eanes de Azurara.  
*Crónica de El-Rei D. Duarte* — Rui de Pina.  
*Crónica de El-Rei D. Afonso V* — Rui de Pina.  
*Les Legendes Allemandes sur l'histoire des Découvertes Maritimes portugaises* — por Joaquim Bensaude — Geneve, 1917-1920.  
*Arquivo Histórico Português* — Braancamp Freire.

## PAUL GOODMAN

## OBRA DO RESGATE

No mês de Abril completou 71 anos de idade, o Sr. Paul Goodman, notável escritor e publicista britânico, digno 1.º Vice-Presidente Honorário da Comunidade Israelita do Porto, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee de Londres.

*Ha-Lapid* envia-lhe muitos parabens, desejando-lhe longa vida com saúde e felicidade.

Um jovem cripto-judeu trasmontano de 18 anos de idade, natural do concelho de Freixo de Espada à Cinta, Amílcar do Nascimento Calvo Paulo, foi recebido na Aliança de Abraham a fim de ser públicamente um servidor do Deus Altíssimo e Único. O novo israelita recebeu o nome de Levi Ben-Har.

Mazal tob a este jovem resgatado.

# OS JUDEUS EM PORTUGAL

(CONFERÊNCIA)

POR DR. MAX AZANCOT

(Continuação do n.º 131)

O Padre António Vieira é preso, D. João IV é excomungado, e D. Luís da Cunha, o célebre diplomata do tempo de D. João V, arcedíago da Sé de Évora, que representou Portugal em Londres, Madrid e Paris, pôde escrever no seu *Testamento Político*, desmentindo a lenda do mercantilismo judaico:

Da mesma sorte dissera que V. A. acharia certas povoações quase desertas, como por exemplo na Beira Alta, os grandes lugares da Covilhã, Fundão e cidades da Guarda e de Lamego; em Trás-os-Montes, a cidade de Bragança; e destruídas as suas manufacturas. E se V. A. perguntar as causas desta dissolução, não sei se alguma pessoa se atreveria a dizer-lho com a liberdade que eu terei a honra de fazê-lo; e vem a ser que a inquisição prendendo a uns por crime de judaísmo e fazendo fugir os outros para fora do reino com os seus cabedais, por temerem que lhos confiscassem, se fossem presos, foi preciso que as tais manufacturas caíssem, porque os chamados cristãos novos as sustentavam e os seus obreiros que nela trabalhavam eram em grande número, foi necessário que se espalhassem e fossem viver em outras partes.

Tal como D. Luís da Cunha, António Ribeiro Sanches, afirmava que fôra destruída a indústria de seda em Trás-os-Montes e a das lãs na Beira e no Alentejo.

Vencidos, expulsos e perseguidos pelos seus compatriotas desapareceram da vida pública do País os judeus que tinham ajudado a formar a nação, que salvaram o Brasil, que para ali levaram a cultura do açúcar, que ainda na época da restauração tanto contribuíram para o reconhecimento da independência de Portugal.

Desapareceram para só ressurgir mais de um século depois. No século XIX encontramos-os ao lado dos cristãos a cultivar o cacau em S. Tomé, a colónia de que se orgulhava o nosso País por ser nessa época o maior produtor de cacau no mundo. O cacau que durante anos de crise económica foi um dos principais recursos da nossa exportação. Encontramo-los na Companhia Nacional de Navegação, a única que assegurava carreiras regulares para as nossas colónias; encontramos-os nos Açores a introduzir a cultura do ananás e do tabaco; encontramos-os em meados do século passado na junta das obras que realizou o porto de Ponta Delgada e dele fez um importante porto de escala. Encontramo-los a colaborar irmãmente com os demais portugueses na criação de escolas superiores. Bensaúde foi o primeiro director do Instituto Superior Técnico e a pessoa que o impôs, Amzalak nas Ciências Económicas, e tantos outros, na geração actual.

Se nos referirmos às obras sociais hoje tão em moda, veremos as primeiras Caixas de Previdência para operários, no País, numa fábrica de judeus; a fábrica de tabaco dos Açores. Temos o enxoval do recém-nascido criado pela Sr.ª D. Hannah Sequerra, algumas dezenas de anos antes da Obra das Mães.

Servir e ser útil tem sido o lema dos judeus em Portugal. Criar e colaborar a sua divisa.

\*

Vai longa já esta exposição e quanto me ficou por sumariar! Não referi sequer os médicos judeus que tão grande fama atingiram.

Não tomei o vosso tempo com referências à cultura dos judeus em Portugal.

Não tomo o vosso tempo lembrando a escola filosófica dos sephardim.

Não citei a introdução da imprensa no País, feita por judeus tão cedo que Portugal se pode orgulhar de ter livros impressos logo a seguir à Alemanha e à Itália, antes de qualquer outro, país. Não referi a influência que tal iniciativa teve no progresso do País.

Quis apenas salientar a perfeita dedicação dos portugueses da religião hebraica, a comunhão devida com os demais habitantes do País, os serviços, que irmanados, prestaram.

Para esse efeito não precisei de socorrer-me da construção de António Vieira na *História do Futuro* que, citando Santo Agostinho, pretende que todos os portugueses são descendentes de judeus imigrados antes da morte de Cristo. Não entrei na discussão de problemas como a do judaísmo de Diogo Cão ou de Bernardim Ribeiro. Bastou-me citar um exemplo de judeus confessos, exemplos que nem a inquisição queimando bibliotecas conseguiu ofuscar para sempre.

Se lembrando-os arranquei algum nome do esquecimento injusto, terei cumprido a minha missão. Se recordando episódios pouco discutidos, vos trouxe alguma novidade, sentir-me-ei lisonjeado. Mas a minha ambição é maior: eu queria interessar algum ou alguns de entre os mais novos dos meus ouvintes no estudo tão vasto a fazer da história dos judeus em Portugal. Eu queria que estas minhas palavras fossem apenas uma pequena introdução para um trabalho maior: o estudo minucioso de cada uma das épocas, de cada uma das actividades que referi e daquelas que eu próprio devo ter esquecido. A obra grandiosa de reconstituição das crónicas que durante dois séculos foram cuidadosamente queimadas.

Não afirmam que tenham sido perfeitos e não mereçam crítica os judeus do meu país. Conheço o drama dos judeus portugueses que em 1640 viviam na Holanda e que tiveram de escolher entre a dedicação à pátria que espoliava e assassinava suas famílias e o país que os acolhera. Conheço as reacções várias entre os judeus no Brasil no tempo da restauração. É porém muito mais humana a atitude desses judeus do que a de um Conde de Andeiro ou de um

Miguel de Vasconcelos e é muito mais de admirar a atitude daqueles que acima dos seus interesses imediatos, escolheram o bem da pátria que os maltratara.

Para a reabilitação dos judeus em Portugal basta o estudo objectivo da nossa história. Quem o havia de fazer se nós desse estudo nos desinteressássemos?

São inúmeros os judeus que com a maior dedicação ajudaram a formar e a consolidar o país em que nascemos e onde vivemos.

São exemplo de estudo, sacrifício, luta e elevação que devemos ter presentes e que nos dão alento e força para sem falso alarde nem pretenciosa vaidade, podemos ter o orgulho de ser judeus em Portugal.

São exemplos que devemos ter presentes nos momentos em que sentimos em nossa volta, a ingratidão ou a inveja.

São exemplos que devemos ter presentes, porque nos impõe uma vida digna cheia de responsabilidades. Somos actualmente os únicos detentores de um título que não podemos manchar.

Como irmãos de armas judeus e cristãos, percorreram o País, do Minho ao Algarve para conquistar. Irmanados pelo entusiasmo e estudo, irmanados no perigo dominaram o oceano vasto que banha Portugal. Irmanados no mesmo entusiasmo acorreram na época da restauração. Como irmãos dedicados, conscientes de direitos e obrigações, caminhamos juntos, hoje e no futuro, para uma comunhão maior.

\*  
\* \* \*

*Nota da redacção.* — Esta conferência foi feita em Lisboa, na Associação da Juventude Judaica Hehaber. O distinto economista Dr. Moses Bensabat Amzalak, presidente honorário do Hehaber e presidente da Comunidade Israelita fez a apresentação do orador com palavras cheias de amabilidade e no final fez um erúdito comentário elogioso do trabalho do Dr. Max Azancot. O presidente do Hehaber, Dr. Semtob Dreiblat Sequerra também elogiando a conferência dirigiu amáveis e justas palavras ao orador, que é um distinto advogado da capital portuguesa.

---

**Visado pela Comissão de Censura**

# P E S S A H

POR ISAAC LOPES MARTINS

No leve frémito que o crente encontra no retorno de cada uma das marcas do harmonioso decorrer do ciclo litúrgico, está o sentimento mais forte da fuga no tempo, um alimento para a ânsia de variedade, luxo e fraqueza do espírito humano.

Sukkot provoca contraste — depois do solene recolhimento de Rosh Hachaná e da sublime exaltação da alma desejando libertar-se do pecado, em Yom Kippur, — pois exprime duplamente a alegria da Miçvah obtida, da vida que decorre, das boas colheitas e da Torah mil vezes relida...

Purim, com a sua exuberante alegria, é como que um arauto anunciando a emocionante Páscoa, sustentáculo de Israel, celebra com um sentimento de maravilhosa alacridade a terna Promessa, os místicos amores do Pastor e da Pastora do Cântico dos Cânticos, do Senhor e de Israel.

A nossa Juventude comemorando Pessah, relembra a saída do Egipto. É o princípio da nossa História tão comovente e cuja duração bem dolorosa é um verdadeiro milagre. Foi o primeiro e magnífico arranco de um Povo, trocando a escravidão pela liberdade, mas também o abrigo e o pão, pelas incertezas do dia de amanhã em pleno deserto...

O inverno prolonga-se, mas no entanto os belos dias não tardam, é a primavera, juventude do ano, a que Pessah dá as boas vindas...

É a promessa de boas espigas, cujas tenras hastes começam a emergir do solo...

Mas mais ainda do que pelas recordações evocadas, é pelo pensamento no Futuro, pela esperança ardente no amanhã, que Pessah rejuvenesce Israel.

Um laço místico une as duas extremidades da nossa História, e na Páscoa todos sem excepção começamos a architectar o belo sonho de um mundo de boa vontade e amor...

É muito embora nossos corações se encontrem tristes pela perda de entes que-

ridos ou pelos diversos desgostos diários, cantemos os milagres passados e os que hão-de vir um dia...

Deixemos entrar em nossas almas um pouco de esperança para amanhã...

A Páscoa é uma data do nosso ano litúrgico, rica em recordações comovedoras e esperanças reconfortantes. Nela se unem as vozes da natureza e da tradição para despertarem as forças físicas e as energias espirituais, cujo poder harmonioso por si só assegura a plenitude duma vida pura e digna.

Abramos o pequeno livro da Haggadah, que se lê na mesa do Seder, no começo da Páscoa.

Como começa a narrativa que desde longos séculos os maiores psalmodiavam e comentavam? Por estas fraternais palavras:

«Eis aqui o pão de miséria que os nossos antepassados comeram... Aquele que tiver fome que venha e coma!»

Antes de se festejar a libertação, o gesto benfazejo!

Primeiro Caridade; Nenhuma verdadeira festa judaica se realiza sem que seja providenciada a subsistência ao indigente e ao faminto.

Mas não existe somente o pão do corpo!

Existe a alimentação da alma, o sustentáculo moral, não menos necessário que o primeiro!

Todos necessitamos dele, mas sobretudo os seres desamparados, desiludidos, aqueles cuja alma se amarfanha, aqueles que vêem a sua situação vacilar e se entregam ao cepticismo, e à negação!

Quantos, no seu descalabro moral revoltando-se diante da iniquidade e da violência desde tanto tempo triunfantes, se interrogam fazendo esta perturbadora pergunta:

Onde está Deus?

A Bíblia conhece estes estados de espírito!

Nenhum livro os traduziu tão fielmente\*

O psalmista, intérprete de todas as dores e desgraças, também por vezes gritou:

«Até quando Senhor?»...

«Mostra-te Senhor, Ergue-te Juiz de toda a terra e castiga os causadores da iniquidade»...

Mas disse também: «Na desgraça, in-

voquei o Eterno, e Ele me amparou e salvou».

É a confiança que acaba sempre por prevalecer nas almas mais mortificadas, mas firmemente ligadas à Lei de Deus!

A nossa Fé, a nossa fidelidade à Torah, não podem senão aumentar mais ainda, as energias para cooperarmos, com os nossos correligionários, na realização do milenário sonho do regresso a Sion.

Eu sei que este sagrado dever reclama o serviço de todos, a paciência e o espírito de sacrifício de cada um.

A batalha decisiva para a sobrevivência da nossa nação aproxima-se a passos agigantados. O nosso futuro depende sobretudo da juventude.

Nós não podemos depender dos interesses particulares de certas nações, mas sim dos ideais do nacionalismo judaico!

O que nós judeus queremos é a justificação do nosso direito histórico. Nós temos que dizer a todas as nações que ainda não honraram as suas obrigações para com o Povo Judaico, que enquanto o não fizerem, qualquer organização que façam está longe do verdadeiro espírito democrático, pelo qual demos o nosso sangue.

Temos que insistir, como sionistas convictos, em que seja garantido um lar independente à nossa juventude. Creio que tempo virá em que decidiremos o nosso destino sem interferência alheia.

Todos teremos que contribuir com a nossa parte, e com Deus, tenho a certeza que alcançaremos o nosso objectivo! Nenhuma força humana nos poderá obrigar a abdicar dos nossos direitos históricos em Erez Israel.

Juntemos pois nossas preces e esforços e iniciemos a marcha que nos levará à Terra Prometida!...

## Os quatro copos da noite de Páscoa

A um velhote marano trasmontano perguntaram:

Dizem que os judeus na noite de Páscoa costumam beber quatro copos de vinho. Qual é o ritual para isso?

- O velhote, sorrindo, respondeu:
- 1.º bebe-se inteiro,
- 2.º até ao fundo,
- 3.º como o primeiro,
- 4.º como o segundo.

## VIDA COMUNAL

### PURIM

Na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à rua Guerra Junqueiro n.º 340 se realizou, esta festividade comemorativa da libertação dos israelitas da perseguição de Haman pela feliz intervenção da Rainha Esther.

A leitura da Meghilath Esther, rolo de pergaminho onde está escrita a crónica destes acontecimentos foi solenemente lida pelo Sr. Salý Wormser.

### PESSAH (Páscoa)

Na Comunidade Israelita do Porto esta festividade comemorativa da libertação do povo de Israel da tirania dos Faraós do Egipto foi dignamente celebrada não só na Sinagoga como no tradicional culto doméstico.

### CORPOS GERENTES

Em Janeiro foram eleitos os corpos gerentes da Comunidade do Porto para 1946 que ficaram assim constituídos:

#### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Dr. Alfredo Kiefe; Vice-Presidente — Isac Janowski; Secretários — Manuel Brandão e Luís de Carvalho.

#### Mahamad (Junta Directora)

Presidente e Tesoureiro — A. C. de Barros Basto; 1.º Secretário — Samuel Rodrigues; 2.º Secretário — Norberto A. Moreno; Vogais — Nathan Beigel e Martin Salomon; Vogais substitutos — I. Finkelstein e Dr. José Levy.

## JUDEUS & PROSÉLITOS

Fiel ao seu programa de ensino popular o Instituto Teológico Israelita do Porto (Yeshibah Rosh-Pinah) publicou uma colectânea organizada pelo seu Reitor Prof. Capt. A. C. de Barros Basto com o nome Judeus & Proséritos, onde se fala da Missão de Israel conforme as Escrituras Sagradas e os ensinamentos dos Sábios de Israel.